



Redes. Revista do Desenvolvimento
Regional

ISSN: 1414-7106

revistaredes@unisc.br

Universidade de Santa Cruz do Sul
Brasil

Neumann Alves, Cinara; Cadoná, Marco André

IMIGRAÇÃO ÁRABE E COMÉRCIO DE FRONTEIRA: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA
DA CULTURA NAS ATIVIDADES COMERCIAIS DESENVOLVIDAS POR IMIGRANTES
E DESCENDENTES DE IMIGRANTES ÁRABES NA FRONTEIRA ENTRE SANTANA DO
LIVRAMENTO (BRASIL) E RIVERA (URUGUAI)

Redes. Revista do Desenvolvimento Regional, vol. 20, núm. 3, septiembre-diciembre,
2015, pp. 63-89

Universidade de Santa Cruz do Sul
Santa Cruz do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552056814005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

IMIGRAÇÃO ÁRABE E COMÉRCIO DE FRONTEIRA: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA CULTURA NAS ATIVIDADES COMERCIAIS DESENVOLVIDAS POR IMIGRANTES E DESCENDENTES DE IMIGRANTES ÁRABES NA FRONTEIRA ENTRE SANTANA DO LIVRAMENTO (BRASIL) E RIVERA (URUGUAI)¹

ARAB IMMIGRATION AND BORDER TRADE: A CULTURE OF INFLUENCE ANALYSIS IN COMMERCIAL ACTIVITIES BY IMMIGRANT AND DESCENDANTS OF ARAB IMMIGRANT SON THE BORDER BETWEEN SANTANA DO LIVRAMENTO (BRAZIL) AND RIVERA (URUGUAY)

Cinara Neumann Alves

Universidade de Santa Cruz do Sul – Santa Cruz do Sul – RS – Brasil

Marco André Cadoná

Universidade de Santa Cruz do Sul – Santa Cruz do Sul – RS – Brasil

Resumo: O artigo aborda a presença da imigração árabe na fronteira entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), analisando como a cultura árabe influencia as ações econômicas que os descendentes de imigrantes árabes realizam enquanto comerciantes naquela fronteira. Por meio da identificação de diferentes fluxos da imigração árabe, o estudo mostra que a cultura faz diferença no comportamento econômico dos descendentes de imigrantes árabes, ainda que seja significada e resignificada pelas diferentes gerações que constituem a história da comunidade árabe na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera.

Palavras-chave: Imigração Árabe. Fluxos de imigração. Comércio de fronteira. Cultura árabe. Comportamento econômico.

¹ O artigo é resultado de Dissertação de Mestrado defendido pela autora, em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Abstract: The article discusses the presence of Arab immigration on the border between Santana do Livramento (Brazil) and Rivera (Uruguay), analyzing how Arab culture influences the economic actions that the descendants of Arab immigrants as traders realize that border. By identifying different flows of Arab immigration, the study shows that culture makes a difference in the economic behavior of the descendants of Arab immigrants, even if it meant and resignified by the different generations that make up the history of the Arab community on the border between Santana do Livramento and Rivera.

Keywords: Arab immigration. immigration flows. Border trade. Arab culture and economic behavior.

1 INTRODUÇÃO

A presença árabe no Brasil remonta à segunda metade do século XIX, quando os primeiros imigrantes árabes chegaram, especialmente, na região Sudeste e, mais especificamente, no estado de São Paulo. Diferentemente dos imigrantes europeus que, em sua maioria, foram integrados nas atividades agrícolas da produção de café, os imigrantes árabes, desde que chegaram ao país, integraram-se em atividades comerciais, na condição de “mascates” (mercadores ambulantes e vendedores “porta a porta”), atividade a partir da qual muitos prosperaram, possibilitando, inclusive, uma participação crescente no comércio daquela região (TRUZZI, 1997).

A possibilidade de comércio em outras regiões teve grande importância num processo de “interiorização” da imigração árabe a partir do final do século XIX e início do século XX. Foi a partir dessa perspectiva, por exemplo, que, ainda no final do século XIX e atraídos pela produção de borracha, imigrantes árabes passaram a ocupar a região Norte do país, atuando como vendedores itinerantes, condição da qual resultou a designação aos comerciantes árabes (naquela região do País) de “regatões”- comerciante ambulante, um mascate (TRUZZI, 1997). Nas primeiras décadas do século XX, num contexto de crise da borracha, muitos *regatões* (já bem sucedidos em virtude das atividades comerciais realizadas) não somente prosperaram, mas, também, compraram indústrias e estabelecimentos comerciais de imigrantes que já estavam estabelecidos nos centros urbanos da região Norte.

No Sul do Brasil e, em especial, nas fronteiras com outros países do Cone Sul (Argentina, Paraguai e Uruguai), a presença árabe está diretamente vinculada com as possibilidades de comércio, em uma dinâmica semelhante como a ocorrida no Norte do País. Assim, a procura de novas possibilidades comerciais foi o atrativo que levou muitos árabes à fronteira (RABOSSI, 2007). Em se tratando da fronteira com o Paraguai, por exemplo, mais especificamente na fronteira entre Foz de Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai), no início, a presença árabe ocorreu dentro do processo de interiorização dos árabes já localizados em São Paulo, que passaram a realizar suas atividades comerciais no território paranaense, chegando até a fronteira (RABOSSI, 2007). A possibilidade de potencializar as atividades comerciais com o

Paraguai tornou a fronteira um espaço atrativo, fixando um número crescente de comerciantes árabes; a partir daí as atividades comerciais não somente destinaram-se ao Paraguai (comercialização de produtos brasileiros em território paraguaio), mas, também, passaram a compreender o comércio de produtos paraguaios em território brasileiro.

As regiões fronteiriças, assim, colocaram-se, na história de expansão dos árabes no Sul do Brasil, como regiões estratégicas, pois, além das oportunidades de um comércio local que foi se constituindo a partir das próprias aglomerações das cidades de fronteira, abriram espaços para a comercialização de produtos brasileiros nos territórios dos países vizinhos, a comercialização de produtos desses outros países no território brasileiro, ou mesmo o aproveitamento dessas regiões como espaços de “fugas” das legislações tributárias para a introdução de produtos com origem de outras regiões do Planeta (TRUZZI, 2007; JARDIM, 2000).

E foi dentro dessa mesma perspectiva que, no Rio Grande do Sul, as regiões de fronteira entre Brasil e Uruguai tornaram-se atrativas para imigrantes árabes. As possibilidades de comércio nessas regiões fronteiriças, num primeiro momento, e a presença de “patrícios” que assinalavam as possibilidades promissoras para a realização de atividades econômicas (“os locais onde está bom para o comércio”) foram condições importantes para a atração de árabes e para a consolidação, em diferentes cidades fronteiriças do Rio Grande do Sul, de comunidades árabes (JARDIM, 2000).

No caso da fronteira Santana do Livramento/Rivera, a presença de árabes no comércio se faz notar tanto no comércio local quanto no comércio internacional que caracteriza aquela fronteira (free-shop). Assim, por exemplo, um dos principais supermercados de Santana do Livramento (“Supermercado 300”) é de propriedade de família árabe; é simbólico também que o Free-Shop que fica exatamente na fronteira entre Brasil e Uruguai (Free-Shop Siñeriz, localizado na Rua Sarandi, certamente a mais frequentada por turistas que para lá se dirigem visando realizar compras), também é de propriedade de família árabe.

Assim, no presente artigo, a presença árabe na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera é colocada como objeto de análise, não somente com a intenção de entender a dinâmica histórica de formação

de uma comunidade árabe naquela fronteira, mas, também, para analisar como a cultura árabe influencia no comportamento econômico das diferentes gerações de imigrantes e de descendentes de imigrantes árabes que atuam naquela região fronteira na condição de comerciantes.

2 CULTURA E DESENVOLVIMENTO: APONTAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA CULTURA NO COMPORTAMENTO ECONÔMICO DE IMIGRANTES ÁRABES

Ao propor uma análise da relação entre “cultura árabe” e comportamento econômico de imigrantes e de descendentes de imigrantes árabes numa região fronteira entre o Brasil e o Uruguai, não se pressupõe, evidentemente, um “vínculo puro” (sem influências dos contextos históricos, políticos e culturais nos quais se inserem) entre esses descendentes com a cultura de origem de seus antepassados. De qualquer forma, as comunidades árabes (assim como as comunidades de outras origens étnicas) cultivam valores, tradições e costumes que estão diretamente ou indiretamente vinculados com sua cultura de origem. Trata-se, portanto e inclusive, de compreender esse processo de “reprodução cultural”, percebendo que aspectos da cultura árabe permanecem nos modos de agir, de pensar e de sentir da comunidade árabe na região de fronteira objeto deste estudo.

É importante destacar que são muitos os aspectos culturais que, inclusive no senso comum, identificam “comerciantes árabes”. Um exemplo disso é a expressão “turco” que, além de pretender agrupar diferentes nacionalidades orientais existentes no Brasil, em se tratando de comerciantes identifica um agente econômico que tem um discurso maquiador dos produtos que costuma vender, que comercializa produtos que têm qualidade questionável, que insiste para realizar suas vendas, que é avarento.

Porém, outras características culturais estão presentes no comportamento econômico de imigrantes e de descendentes árabes. Assim, é muito comum que os estabelecimentos comerciais de árabes ofereçam uma variedade de produtos, que tenham uma aparência estética atrativa para os consumidores, que tenham a presença de signos que identificam suas origens culturais como, por exemplo, a própria

vestimenta utilizada pelos comerciantes, os tapetes nas lojas, os quadros presos nas paredes etc. (PROCÓPIO, 2006; PETERS, 2007).

Fazendo referência a uma família de comerciantes árabes, Peters (2007) destaca, dentro das próprias famílias, a divisão sexual do trabalho expressa na divisão entre tarefas administrativas/comerciais e tarefas domésticas/familiares, sendo as primeiras vinculadas aos homens e as segundas, às mulheres; mas destaca, também, a união entre as famílias árabes, do que decorre, muitas vezes, a formação de redes intensas de relacionamento (PETERS, 2007).

Não é demais lembrar, também, que a figura do mascate, que define a atuação comercial dos imigrantes árabes no Brasil desde que chegaram ao País no século XIX, remete a um tipo de agente econômico que possui uma ética de valorização do trabalho, que se sujeita a condições adversas (viagens, comércio em locais desconhecidos, possibilidades de perdas de mercadorias etc.) em nome de uma melhora futura em suas condições econômicas, que realiza poupança, que se vincula a uma rede comunitária (de árabes) como meio de potencializar suas atividades comerciais (TRUZZI, 1997).

Contudo, é importante destacar que a cultura não é estática; pelo contrário, é significada e resignificada na própria história dos indivíduos, das comunidades, dos povos. Cultura é, ao mesmo tempo, “uma entidade feita pelo homem e uma entidade que faz o homem” (BAUMAN, 2012, p. 128); nesse sentido, trata-se de compreender as relações entre a cultura árabe e o comportamento econômico de imigrantes e de descendentes árabes em sua própria historicidade, atentando-se para as definições e para as redefinições estabelecidas pelos indivíduos, pelas gerações de indivíduos, pela própria comunidade árabe em sua experiência de localização na região fronteiriça analisada.

Nesta altura da análise, outro aspecto importante a ser destacado é que a relação entre cultura e comportamento econômico não implica, necessariamente, em se pensar a cultura como *meio de desenvolvimento*: ou seja, compreender a cultura como “bens culturais” de um grupo, ou de uma região, que podem ser potencializados visando impulsionar o desenvolvimento (econômico) desse grupo ou região. A cultura é constituinte do ser humano em sociedade; cultura é um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como

membro de uma sociedade (CANEDO, 2009). Analisar a relação entre cultura e desenvolvimento, nesse sentido, implica em pensar como esses valores, essas crenças, leis, costumes e hábitos, uma vez interiorizados no comportamento de agentes sociais, servem de orientação para a conduta dos mesmos, seja em suas relações sociais, seja em suas relações políticas e/ou econômicas. Trata-se, portanto, de um esforço de compreensão de como determinados valores culturais condicionam o comportamento social, político e econômico de agentes sociais e, em razão disso, podem, inclusive, implicar na própria dinâmica de desenvolvimento presente no espaço de atuação destes mesmos agentes.

Para a análise de como a cultura árabe, uma vez interiorizada no comportamento econômico de imigrantes e de descendentes de imigrantes árabes que atuam no comércio da fronteira de Santana do Livramento e Rivera, orienta suas ações econômicas, no presente trabalho, adota-se uma abordagem teórico-metodológica que deve, fundamentalmente, à perspectiva weberiana de análise da relação entre cultura e desenvolvimento.

Ao se pensar em cultura e desenvolvimento, sendo a cultura uma dimensão condicionante do desenvolvimento, é inevitável a referência a Weber, pois se trata de um teórico cuja obra sociológica pressupõe que o desenvolvimento está sim vinculado à cultura, às formas culturais de organização de um determinado grupo ou sociedade e que cultura e desenvolvimento não devem ser pensados como dimensões separadas dentro de uma dada sociedade (WEBER, 1987).

Não é demais indicar que, dentro dessa perspectiva, o próprio Weber desenvolveu um estudo que se tornaria uma referência básica para a compreensão da relação entre cultura e desenvolvimento e para a própria compreensão da dinâmica histórica que condicionou a emergência e o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente. Em sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (2004), Weber argumenta em favor da tese de que a ética e os ideais puritanos vinculados à tradição protestante (em especial, aquela que se desenvolveu a partir de Calvino) influenciaram o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente. Ao contrário do catolicismo romano, onde a devoção religiosa estava desvinculada com a intervenção nos assuntos mundanos, a ética calvinista afirmava essa intervenção como meio

através do qual os indivíduos poderiam alcançar a salvação espiritual (WEBER, 2004).

Em sua análise, Weber define o “espírito do capitalismo” a partir de ideias e hábitos que favorecem a procura racional do ganho econômico (“ação racional segundo fins”, na qual o agente, tendo em vista fins previamente definidos, utiliza-se dos meios disponíveis e mais adequados para alcançar, com maior êxito possível, o fim perseguido). Embora esse “espírito” não se limite à experiência cultural do Ocidente, foi no Ocidente que ele se desenvolveu e se tornou uma orientação central na condução não somente das ações econômicas, mas, também, na própria estruturação da vida sociocultural. Após definir o “espírito do capitalismo”, Weber argumenta em favor da tese de que suas origens estão nas ideias religiosas que se desenvolveram a partir da Reforma Protestante. Nessa direção, mostrou que certos tipos de protestantismo (em especial o Calvinismo) favoreceram o comportamento econômico racional, dando, inclusive, um significado espiritual e moral para a vida terrena. O Calvinismo, argumenta Weber, desenvolveu a ideia de que as habilidades humanas e os conhecimentos humanos são dádivas divinas e por isso o seu desenvolvimento deve ser incentivado nos indivíduos; a partir da ideia de “predestinação” (segundo a qual há uma definição a priori e divina quanto aos destinos espirituais dos seres humanos, se salvos ou condenados), o Calvinismo afirmou a insegurança existencial do ser humano no mundo e a possibilidade de amenizar essa insegurança por meio da intervenção (disciplinada e orientada por princípios éticos) no mundo (WEBER, 2004).

Assim, para Weber, essa ética religiosa impulsionou, nos indivíduos pertencentes às comunidades protestantes, um comportamento fundado na disciplina, na abnegação ascética em prol do ganho econômico, no planejamento racional das ações; comportamentos esses que, uma vez interiorizados pelos indivíduos, tornaram-se orientadores dos sentidos de suas ações na sociedade, inclusive na economia. Embora a influência dessa cultura religiosa não possa ser colocada como única causa do desenvolvimento do capitalismo no Ocidente, ela não só não pode ser desprezada como é uma das causas principais daquele desenvolvimento (WEBER, 2004). Pode-se afirmar, nesse sentido e a partir dessa leitura de Weber sobre

as origens do capitalismo no Ocidente, que a cultura faz toda a diferença em dinâmicas de desenvolvimento.

Mas, ao analisar como a ética religiosa de origem protestante orientou o sentido das ações dos indivíduos e, nesse sentido, contribuiu para o desenvolvimento de um “espírito capitalista”, Weber apontou sua preocupação principal enquanto sociólogo, ou seja, sua preocupação em analisar a ação social, entendida como a “ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” (WEBER, 1999, p. 03). Weber, portanto, está preocupado com a “conduta” dos atores sociais; o ator social, indica Weber, orienta subjetivamente suas ações para o comportamento de outro, de outros ou de uma pluralidade indefinida de outros indivíduos. Assim, compreender esse sentido construído subjetivamente é a tarefa da análise sociológica da realidade social.

Esse esforço por compreender os sentidos (subjetivos) das ações dos indivíduos remete Weber à procura de um método de análise, chegando a um conceito que se tornou de fundamental importância em sua proposta metodológica: *o conceito de tipo ideal*. O tipo ideal permite a unidade de dois pressupostos centrais na metodologia proposta por Weber, ou seja, o fundamento valorativo e a validade objetiva do conhecimento. O tipo ideal é construção do pesquisador (cientista), construção essa que ocorre tanto para estabelecer o significado cultural de determinados fenômenos quanto para formular proposições empíricas sobre o mesmo. Como afirma Munch, “um tipo ideal é a seleção arbitrária das características de um fenômeno a partir de inúmeras qualidades presentes na realidade, sem nenhuma tentativa de colocá-lo em uma relação super ordenada” (MUNCH, 1999, p. 193); é um modelo, um meio de conhecimento a partir do qual a realidade empírica é investigada, permitindo ao investigador estabelecer aproximações cognitivas entre fenômenos, analisando proximidades e/ou distanciamentos da situação concreta pesquisada em relação ao tipo ideal construído (DOMINGUES, 2000).

O uso do tipo ideal enquanto instrumento metodológico, assim, implica, em primeiro lugar, a construção (pelo cientista) subjetiva (e idealizada) de um curso de ação estritamente racional. Essa construção ideal será utilizada para a comparação com o que realmente se observa na realidade empírica. A partir dessa comparação, então, o cientista tem

condições de apontar para aqueles elementos significativos que, na realidade empírica investigada, têm influência no curso dos acontecimentos (WEBER, 2002, p. 74-6).

Portanto, são esses os pressupostos metodológicos, construídos a partir da orientação weberiana, que foram utilizados para analisar o sentido das ações dos comerciantes de origem árabe em Santana do Livramento/Rivera. Ou seja, a partir da construção de um tipo ideal da ação econômica de comerciantes vinculados à cultura árabe (que procurou exagerar a orientação que essa cultura “impõe” ao comportamento dos indivíduos para, a partir disso, comparar com os comportamentos efetivos e reais dos comerciantes árabes em Santana do Livramento/Rivera), buscou-se entender os elementos significativos que aquela realidade implica e apresenta na ação econômica de imigrantes e de descendentes árabes naquela fronteira.

Por fim, cabe registrar que, sob o ponto de vista dos procedimentos de levantamento dos dados empíricos, a partir dos quais a análise apresentada foi construída, utilizou-se de uma variedade de fontes, desde a bibliografia existente sobre as comunidades árabes nas regiões fronteiriças (entre o Brasil e o Uruguai), passando por jornais, revistas e outros registros secundários sobre a comunidade árabe em Santana do Livramento/Rivera, até a realização de 12 histórias de vida, com imigrantes e descendentes de imigrantes árabes que residem nessas duas cidades fronteiriças entre o Brasil e o Uruguai.

3 A PRESENÇA ÁRABE NA FRONTEIRA DE SANTANA DO LIVRAMENTO/RIVERA

Seja andando pela rua, seja na loja de calçados que tem no caixa quadros com *suratas* (capítulos do Alcorão), seja no supermercado que possui uma prateleira com produtos árabes e até mesmo nas conversas nas ruas, a imigração árabe se mostra no cotidiano da fronteira entre Santana do Livramento e Rivera.

Assim como em outros locais do País, a presença árabe na fronteira de Santana do Livramento/Rivera remonta ao final do século XIX e início do século XX. Os imigrantes daquele período (o primeiro fluxo migratório de árabes na fronteira Santana do Livramento/Rivera) eram, em sua maioria, sírio-libaneses que chegavam ao Brasil pelo Porto

de Santos, mas, também, pelo Porto de Montevideú; todos motivados pela ideia de encontrar na fronteira uma região próspera para atividades comerciais. Esse primeiro fluxo migratório de sírio-libaneses foi o que iniciou o comércio na fronteira de Santana do Livramento/Rivera, desde o trabalho como mascates até a instalação dos primeiros estabelecimentos comerciais.

Importante ressaltar, inclusive, que os primeiros imigrantes que, de fato, chegaram à fronteira de Santana do Livramento/Rivera foram os sírio-libaneses vindos de Montevideú (ainda em meados de 1860), pois os imigrantes árabes que chegavam ao Brasil se dirigiam primeiro a outras localidades, somente depois rumando para a fronteira; enquanto que os imigrantes que chegavam pelo Uruguai logo eram incentivados a ocupar povoados e cidades da fronteira, dentro de uma estratégia dos governos uruguaio de povoar as fronteiras e garantir os interesses uruguaio nessas regiões. É simbólico, nesse sentido, que Rivera foi uma das primeiras cidades a ter ligação ferroviária com Montevideú, facilitando, nesse sentido, as conexões (inclusive migratórias) entre a capital uruguaia e aquela região fronteira.

Desse primeiro fluxo migratório, poucos imigrantes (uma primeira geração desse fluxo) ainda estão vivos. Contudo, desse primeiro fluxo se constituíram mais duas gerações (segunda e terceira gerações do primeiro fluxo migratório) que, como será analisado adiante, compreendem famílias que atuam como comerciantes na fronteira de Santana do Livramento/Rivera.

O segundo fluxo migratório iniciou já em meados do século XX, sendo mais intenso a partir de 1948, com a criação do Estado de Israel, e depois em 1967, num contexto de conflito entre Israel e Palestina. Este fluxo foi composto, principalmente de Palestinos que emigravam para o Brasil, chegando às capitais e se espalhando para o interior do país. E do interior começaram a procurar as fronteiras por enxergarem nelas oportunidades comerciais. Assim como os sírio-libaneses, os primeiros imigrantes palestinos exerceram a profissão de mascates, vendendo seus produtos nas estâncias da região; trabalhavam de mala (como os imigrantes mais antigos gostam de lembrar), vendiam roupas e utensílios domésticos que eram escassos no interior ou na “campanha”, como os fronteiriços falam.

Esse segundo fluxo tornou-se o principal fluxo migratório de Santana do Livramento/Rivera, pois, ainda hoje, constitui a maioria dos descendentes de imigrantes árabes naquela região fronteiriça, como atesta o seguinte depoimento:

nós vamos falar aqui de árabes não no Brasil, mas na fronteira de Livramento e Rivera. Então, essa migração árabe no Brasil ela passou a ser mais frequente em número a partir dos anos 60, depois do 48, vamos dizer assim, porque aqui nessa fronteira aqui, o maior número de árabes que tem aqui é palestinos, né, o número predominante é de palestinos, são 28 países árabes mais ou menos. Nós temos muito poucos aqui, se eu não me engano tem um ou dois jordanianos aqui, sírios uns dois, libaneses alguns, espalhados aqui pela cidade de Rivera, muito poucos aqui em Livramento, e a maioria palestino, a maioria predominante aqui é palestina, ou seja 95% dos árabes aqui são palestinos né, só pra voltar na questão assim, árabe/palestino né, a gente chama assim: o mundo árabe em que foi dividido em vários países, e aí sim, é sírio-árabe, palestino-árabe, libanês-árabe, volta pro árabe, não é?! Os palestinos passaram a vir pra cá pro Brasil em consequência realmente da guerra, com o conflito árabe-israelense, vamos dizer assim, ou palestino-israelense né, em 48 quando, aí sim Israel, exatamente acabou proclamando lá a independência dessa primeira metade ali e depois tomada a segunda metade, muitos palestinos já saíam em busca, vamos dizer assim, de alternativas né, em função da guerra, instabilidade da região. Então assim, muitos acabaram indo, ahn.... para países árabes assim na volta e outros acabaram sendo influenciados por outros que tinham vindo antes na busca realmente de um estabilidade na vida deles e assim, não que fosse uma ida definitiva, tu entendeste, o sonho sempre foi do ir, tentar se... buscar o mínimo assim de recursos financeiros e retornar pra terra, tu entendeste? Até que fosse resolvida essa questão, e a questão realmente ela perdurou no tempo. Bom, a primeira etapa foi então em 48, e que aí sim, um grande número de gente começa a sair dali, e depois em 67, aí sim, quando em 67 quando Israel praticamente toma, tomou todo o território, aí sim muitos saíram mesmo e se espalharam realmente pelos países árabes e muitos acabaram sim abandonando e vindo parar. Por que o Brasil? O Brasil, por um lado vamos dizer assim, eu vejo que o governo brasileiro facilitou muito a entrada também entendeste? Não sei se simpatizou com o árabe ou se... por todo o contexto assim do palestino, da

situação, acabou havendo certas facilidades assim para que [...] entrasse pra cá (“Roque”, entrevista concedida em dezembro de 2013. In: ALVES, 2014, p. 59–60).²

Nesse segundo fluxo migratório também é possível identificar diferentes gerações de imigrantes e descendentes de árabes. Sua primeira geração é constituída pelos imigrantes que chegaram entre a década de 1940 e a década de 1960; trata-se de uma geração reservada, que se integrou lentamente na sociedade fronteiriça, com certa timidez, e manteve uma aproximação maior com os seus patrícios, distanciando-se da comunidade fronteiriça de outras origens. Além disso, essa primeira geração preza fortemente a cultura adquirida em sua terra natal, manifestando essa cultura em seus hábitos alimentares, em seus costumes, em suas formas de vestimentas etc.

Tanto entre as duas gerações do primeiro fluxo migratório quanto na primeira geração do segundo fluxo migratório, a perspectiva do retorno à terra de origem estava muito presente no pensamento dos imigrantes árabes; esse foi, inclusive, um dos motivos para a busca pela atividade comercial, pois o comércio proporcionava um retorno financeiro rápido, o que possibilitava o envio de dinheiro para as famílias e a criação de uma poupança, fatores importantes tanto para a manutenção dos laços com os familiares nos países de origem quanto na afirmação do desejo de volta.

As atividades comerciais, para essas primeiras gerações, colocaram-se num contexto em que os imigrantes buscavam um país onde pudessem melhorar suas condições financeiras (muitas vezes arruinadas em função dos conflitos no Oriente Médio), com uma perspectiva de volta futura para seus países de origem; mas, também, por uma questão de “aproximação” com as atividades desenvolvidas por “patrícios” que já residiam no Brasil/Uruguai. Este último motivo, aliás, merece destaque, pois, nos relatos dos imigrantes e descendentes de imigrantes árabes, essa relação entre aqueles que chegavam e aqueles que já estavam no Brasil/Uruguai realizando atividades comerciais coloca-se como um elemento importante da memória coletiva e de

² Todos os nomes citados são fictícios, para proteger a identidade dos imigrantes e descendentes de imigrantes que participaram da pesquisa.

explicação do vínculo entre a comunidade árabe da fronteira e as atividades comerciais.

Uma segunda geração do segundo fluxo migratório de árabes na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera “é mais dinâmica”, integrou-se mais organicamente na sociedade fronteiriça e tem maior atuação econômica, em especial no comércio local. É uma geração que participa da vida social, política e econômica da fronteira, posicionando-se mais ativamente em relação à necessidade de alternativas de desenvolvimento para a mesma.

Por fim, uma terceira geração do segundo fluxo ainda “está nascendo”, sendo constituída por filhos da segunda geração, formada por crianças, adolescentes e jovens e, nesse sentido, não é possível ainda caracterizar como essa geração se desenvolverá e se integrará na dinâmica de desenvolvimento da região de Santana do Livramento/Rivera.

Tanto a segunda e a terceira gerações do primeiro fluxo migratório quanto a primeira e a segunda gerações do segundo fluxo migratório, inclusive pela integração (econômica, social e política) que têm com Santana do Livramento/Rivera, interessam-se pelo desenvolvimento daquela região, manifestando suas opiniões e suas concepções acerca da dinâmica histórica de desenvolvimento da mesma.

E a opinião que essas diferentes “gerações árabes” têm sobre o desenvolvimento está assentada numa concepção “mais usual”, que vincula desenvolvimento quase que exclusivamente com “crescimento econômico”. Nessa direção, inclusive, para muitos imigrantes e descendentes de imigrantes árabes de Santana do Livramento/Rivera, a contribuição do comércio árabe na fronteira ocorre por meio da geração de empregos e do pagamento de impostos: “[...] o comércio gera empregos, gera impostos, e isso faz com que a cidade tenha uma [...] tenha um crescimento” (“Mário”, entrevista concedida em dezembro de 2013. In: ALVES, 2014, p. 102).

Essa mesma concepção de desenvolvimento condiciona a visão acerca da contribuição da comunidade árabe na região fronteiriça mesmo entre os imigrantes ou descendentes de imigrantes que têm pouco contato com o comércio. Mas está mais presente, é claro, entre aqueles que praticam atividades comerciais, como é o caso de “Roque”, um imigrante de primeira geração (do segundo fluxo migratório) que

veio para o Brasil quase adulto e é praticante de um comércio “mais simples”.

O árabe que vem e investe aqui, ele vem, se instala, forma o comércio dele, compra a casa dele, ou seja, emprega gente pra casa, emprega gente dentro comércio dele e está sempre buscando o crescimento, eu cresci e não significa que vou manter ahn [...] pelo menos é o pensamento quase da maioria... eu abri uma loja, a loja funcionou, eu já busco um outro ponto, e com isso eu estou, vou gerar mais empregos entendeste? E sigo investindo aqui (“Roque”, entrevista concedida em dezembro de 2013. ALVES, 2014, p. 102).

A fala de “Roque”, no entanto, acrescenta um elemento novo na visão que imigrantes e descendentes de árabes têm acerca da contribuição da comunidade árabe no desenvolvimento das regiões fronteiriças. Para ele, as atividades econômicas desenvolvidas pelos “árabes da fronteira” têm uma perspectiva endógena, pois os comerciantes árabes investem na fronteira e, quando conseguem êxito em suas atividades, ampliam seus negócios ali mesmo. “Roque”, nesse sentido, diferencia as atividades econômicas dos imigrantes e dos descendentes árabes dos grandes investimentos industriais que, na história da fronteira Santana do Livramento/Rivera, lá se instalaram, mas não investiram no desenvolvimento da região.

A vinda do árabe veio e ficou, e investiu e melhorou [...] e os filhos também por que [...] olha só a diferença de pensamento, vamos dizer assim, pra segunda geração, eu não sou de segunda geração, mas é como se fosse segunda geração, porque eu vim pequeno e já vim, como tinha te dito, com o barco já andando. Então assim, o pensamento do meu pai, e do meu tio e também, a gente estava tudo em família, de que, já que eles sofreram no comércio, mesmo que eles tenham crescido muito, ‘então a próxima geração nossa, não pode ser que nem nós’, a próxima geração vai ter que se inserir no contexto da sociedade e vai pertencer a essa sociedade, no sentido de que? De ter que estudar [...] (“Roque”, entrevista concedida em dezembro de 2013. ALVES, 2014, p. 103).

A questão é que desde o primeiro fluxo migratório, que deu a forma do comércio fronteiriço, a presença árabe tem influenciado no desenvolvimento econômico de Santana do Livramento/Rivera, principalmente (mas não somente) com a atuação no comércio. Como

fala “Roque”, que toma como exemplo seus pais (“que sofreram muito e ao mesmo tempo cresceram”), as gerações mais novas se integraram mais ativamente na região fronteira, ali estabelecendo seus projetos de vida. Essa é, aliás, uma visão bastante partilhada pelos descendentes de imigrantes árabes em Santana do Livramento/Rivera:

eu acho que com certeza o comércio contribuiu muito, e os árabes foram os que alavancaram o comércio, pelo menos o de roupa né [...]. Depois o 300 com o supermercado, que também sempre foi um supermercado forte aqui em Santana do Livramento. E logo que abriu o free-shop uruguaio, os pioneiros do free-shop foi o 300 né, família palestina que abriu o Siñeriz, hoje é o primeiro shopping que tem na fronteira, também é de um palestino, quer dizer, de uma família de palestinos, que são árabes e que são né, que influenciam bastante no comércio da fronteira né [...]. Eles mobilizam muito capital e produzem muitos empregos pra Santana do Livramento. Eu acho que é uma contribuição né, um tipo de contribuição, pra cultura, pro comércio e pro desenvolvimento da cidade (“Mário”, entrevista concedida em dezembro de 2013. ALVES, 2014, p. 103–104).

O compromisso com o “desenvolvimento local” apareceu também nas manifestações de “Manuel”, um descendente de imigrantes árabes que no momento da realização da pesquisa ocupava o cargo de presidente de uma instituição representativa dos interesses do comércio e da indústria em Rivera. Para “Manuel”, o desenvolvimento de uma localidade não pode ser atribuído a uma etnia, mas depende do nível de compromisso que cada um tem com a sociedade a que pertence: “Lo importante es el nivel de compromiso que cada uno tenga en la ciudad que decidió venirse a vivir o fijarlas raíces, tanto Livramento como Rivera...” (“Manuel”, entrevista concedida em janeiro de 2014. ALVES, 2014, p. 104).

A ideia do compromisso de qualquer um que queira contribuir para o desenvolvimento da fronteira também apareceu nas manifestações de “Maria”, que afirmou que “qualquer um que vá para a fronteira e que de alguma forma gere algo positivo, está contribuindo de alguma forma”. “Maria” também fala que existe uma diferença quanto ao tipo de imigrante que vai para a fronteira, referindo-se àqueles que “vão para a fronteira querendo ali permanecer, criar raízes e se integrar”

e àqueles “que vão para a fronteira apenas como oportunidade pontual, que não fixam raízes, que ora estão em Livramento, ora estão em Rivera, que se mudam conforme a necessidade”. Para “Maria”, esses últimos imigrantes não dão importância ao desenvolvimento da região fronteiriça, pois, “ainda que o dinheiro circule, ele contribui para o crescimento econômico, não para o desenvolvimento” (“Maria”, entrevista concedida em dezembro de 2013. AUTORA, 2014, p. 105).

Cabe ainda o registro de uma manifestação acerca da influência da cultura árabe para o desenvolvimento da fronteira, expressiva de duas concepções presentes principalmente entre os descendentes de imigrantes árabes na região: uma que remete a visões segundo as quais “aonde o árabe vai ele tenta fazer com que aquele lugar seja sua terra, sua pátria, e então ele vai batalhar para crescer e para que o local cresça também”; e outra que reflete o sentimento de que tudo o que é feito em prol do crescimento e do desenvolvimento do seu próprio negócio vai refletir na comunidade local.

O árabe ele tem o seguinte, aonde ele chega ele quer que aquele local seja o melhor possível, aquilo ali como fosse sua terra, aquilo ali como fosse o seu. Se tu conversar com toda a colônia aqui tu tem certeza que toda colônia quer ver Santana do Livramento no topo, melhor cidade do estado, então, ele tem essa característica de ajudar, de contribuir para o desenvolvimento [enquanto se desenvolve acaba desenvolvendo o local que está] na mesma coisa, na mesma proporção que ele quer que seu negócio cresça, ele quer que a comunidade também cresça (“Tiago”, entrevista concedida em janeiro de 2014. AUTORA, 2014, p. 107).

Daquilo que tu ganha tu tem que retribuir alguma coisa pra comunidade, então isso faz com que tu desenvolva [...] essa característica o árabe tem, de ajudar, de promover, de desenvolver, então dentro das suas atividades sempre tem aquela contribuição e aquela retribuição e isso faz com que vá girando, é uma roda que vai girando, um pouquinho da tua contribuição, um pouquinho da minha, um pouquinho da dela, um pouquinho do fulano, nós fizemos a roda andar [...] (“Tiago”, entrevista concedida em janeiro de 2014. ALVES, 2014, p. 107).

Essas duas manifestações de “Tiago” expressam um sentimento de “bem querer” para com a fronteira, para com a terra escolhida para a

construção de suas vidas. Essa poderia ser uma manifestação importante para compreender a contribuição da cultura árabe ao desenvolvimento da fronteira, mas, como “Roque” manifestou (e também “Maria”, ao seu modo, confirmou), “o árabe vem para quebrar tudo quanto é regra”. Nesse sentido, seria demasiado arriscado concluir que a “comunidade árabe” de Santana do Livramento/Rivera tem as mesmas percepções acerca de suas contribuições para o desenvolvimento daquela região.

A cultura árabe no comportamento econômico dos imigrantes e descendentes de imigrantes árabes que atuam como comerciantes na fronteira de Santana do Livramento/Rivera

O comerciante árabe tem algumas características que estão presentes, independentemente da geração e da origem (se sírio-libanesa ou palestina): ele é um comerciante que está sempre atento às negociações comerciais, ele pratica o comércio com base na negociação, na pechincha, na melhor oferta, na valorização do cliente; ele gosta do negócio popular e valoriza o trabalho. E a característica mais marcante no comerciante árabe é a valorização da sua família: o “comércio” é para a família.

A primeira geração do segundo fluxo migratório é a que mais se assemelha ao tipo de comerciante árabe que está presente no senso comum, aproximando-se mais, também, de um tipo ideal de comerciante de origem árabe, que pratica um comércio mais simples, com uma negociação simples, sem muita sofisticação: ele compra o produto por \$5 e vende por \$6; nem sempre seus produtos são vistos como produtos de boa qualidade; ele trabalha de domingo a domingo e trabalha com muitas mercadorias, e com a mercadoria que estiver vendendo no momento. Em Santana do Livramento, por exemplo, boa parte do comércio que vende jaquetas, ventiladores, cobertores (em um mesmo estabelecimento) é de propriedade de imigrantes árabes dessa geração.

Quanto à primeira geração do primeiro fluxo, não é possível mais encontrar um comércio ativo de imigrantes (poucos ainda estão vivos), mas, de acordo com os relatos dos descendentes daqueles imigrantes, o

tipo de ação no comércio era semelhante ao indicado como o comportamento típico da primeira geração do segundo fluxo.

Essas primeiras gerações de imigrantes árabes na fronteira (tanto do primeiro quanto do segundo fluxo migratório) são aquelas que também têm como valor maior a família, instituição de grande importância na cultura árabe e afirmada tanto entre imigrantes quanto entre descendentes de imigrantes árabes; nessa direção, o início como mascate, o trabalho de sol a sol, a abertura de um comércio, tudo se dava “pela família”, pelo “dever de garantir o sustento da família”.

Certamente deve-se a Schumpeter (1997) a visão de um empresário como um empreendedor. Para Schumpeter, todo empresário é um capitalista, ainda que nem todo capitalista seja um empresário; de qualquer forma, uma marca característica de um empresário é a sua capacidade de inovação, de empreender por meio da inovação. Essa rápida referência à concepção schumpeteriana de empresário torna-se importante para a compreensão do comportamento econômico dos comerciantes das duas primeiras gerações (do primeiro e do segundo fluxos migratórios) de árabes em Santana do Livramento/Rivera. Essas duas gerações se “encaixam” no curso ideal de ação do empresário traçado por Schumpeter, pois, no momento em que migraram para a fronteira (dedicando-se à profissão de mascates, vendendo na fronteira, em especial na Campanha, por ver ali uma possibilidade de iniciar uma nova vida, com um retorno financeiro rápido), eles “empreenderam”, “inovaram” e deram sentido a um tipo de atividade comercial que, até então, tinha pouca importância naquela região fronteiriça. A capacidade de inovação dessas primeiras gerações de árabes não se resumiu ao “comércio ambulante”, pois o acúmulo de capitais que conseguiram resultou na possibilidade desses imigrantes instalarem suas casas comerciais, contribuindo, decisivamente, para a criação de uma atividade que marca a história de Santana do Livramento/Rivera: o comércio de fronteira.

As segundas gerações (também do primeiro e do segundo fluxo migratório), guardadas as suas especificidades em função dos diferentes tempos de atuação econômica, ainda que tenham continuado os negócios de seus pais, distanciam-se um pouco das primeiras gerações na forma como praticam as atividades comerciais. Elas cultivam, ainda, a negociação, mas a negociação de um ponto de vista estratégico e mais

elaborado. Elas procuram as melhores opções de investimentos, aperfeiçoam-se enquanto comerciantes e, ao agirem assim, buscam também aperfeiçoar seus pares. São gerações que se preocuparam em manter os valores passados de geração em geração (como a família, o dever para com a família), mas incorporaram novos componentes culturais, decorrentes de um capital cultural acumulado em suas trajetórias sociais e econômicas (a experiência de atuação no mercado; a relação com uma dimensão mais ampla de mercado – regional e nacional; no caso da segunda geração do segundo fluxo migratório até mesmo o acesso ao ensino escolar). Assim, conforme as diferentes épocas em que viveram/vivem suas experiências enquanto comerciantes, o horizonte das ações dessas segundas gerações foi ampliado (em relação aos seus pais), pois ao mesmo tempo em que se utilizaram das experiências de seus pais (o “tino” para o negócio, por exemplo), souberam incorporar em “seus negócios” saberes e fazeres decorrentes de uma racionalidade administrativa alcançada tanto pela experiência com o mercado como pela aproximação de um saber (científico) administrativo. Nesse sentido, são gerações que buscaram as melhores oportunidades, preocupando-se mais com “a modernização de suas atividades econômicas”.

Sob o ponto de vista econômico, essa é uma característica presente, também, na terceira geração do primeiro fluxo migratório de árabes em Santana do Livramento/Rivera. Contudo, essa geração é aquela que mais se diferencia das outras gerações (tanto do primeiro quanto do segundo fluxo migratório), distanciando-se, também, do tipo ideal de comerciante árabe anteriormente apresentado. Trata-se de uma geração que possui características capazes de diferenciá-la, inclusive, da cultura árabe. Aliás, muitos de seus membros pouco se reconhecem como árabes, pois estão integrados no ambiente fronteiriço (“ela é fronteira”) e, desta forma, o comércio que essa geração pratica já não tem necessariamente características de um comércio árabe. Da mesma forma, nessa terceira geração do primeiro fluxo migratório não é possível identificar a visão inovadora observada em seus antepassados, sendo uma geração de comerciantes que tende a se adaptar às lógicas do mercado, atuando em setores diversificados e a partir de uma lógica administrativa que não se diferencia de outros comerciantes (não árabes) que atuam no comércio de Santana do Livramento/Rivera.

Essa terceira geração de imigrantes árabes, portanto, está mais inserida ainda na comunidade fronteiriça, tanto que quando perguntados sobre suas origens as respostas muitas vezes são: “nossa, isso foi há muito tempo...”. Em geral, essa geração é formada de descendentes de sírio-libaneses, cuja cultura se afirma mais por meio de aspectos, como, por exemplo, a culinária, a música, a dança e a literatura.

Como indicado anteriormente, a visão dos comerciantes de origem árabe sobre desenvolvimento é uma visão de “desenvolvimento econômico”, defendendo-se o pressuposto de que é a partir deste crescimento econômico que outras dimensões (social, ambiental) podem se desenvolver. Mas essa visão também muda conforme a geração e conforme a participação do comerciante árabe na vida socioeconômica do município. Assim, por exemplo, a primeira geração do segundo fluxo migratório tem uma visão “economicista” de desenvolvimento e “mais cética” quanto à sua contribuição no desenvolvimento da fronteira; seus membros tendem a afirmar que a participação deles enquanto comerciantes é gerar empregos e pagar impostos, não se percebendo enquanto atores sociais capazes de atuar como protagonistas em dinâmicas de desenvolvimento da região.

A segunda geração do segundo fluxo migratório tem, em geral, uma visão mais complexa do desenvolvimento e da sua participação na dinâmica de desenvolvimento da fronteira. Trata-se de uma geração mais empreendedora, que “busca crescer no seu negócio também com o intuito de fazer o município crescer”. Seus membros participam de organizações da sociedade civil que buscam o desenvolvimento dos municípios, mesmo que a partir de uma visão de que o “desenvolvimento dos municípios pressupõe crescimento econômico”. Essa segunda geração tem um comportamento que se assemelha mais ao *ethos* do empresário capitalista assinalado por Max Weber.

Embora haja diferenças latentes entre cada geração, costumes, tradições e ensinamentos são passados de pais para filhos sempre. A percepção de quem é de fora da comunidade árabe pode mudar conforme a aproximação com a mesma, ao conversar e conhecer seus costumes e, até mesmo, a forma como o comércio árabe é realizado; a união se faz presente sempre, a união familiar e o sentimento latente de família. “Maria”, por exemplo, em seus depoimentos destacou que

mesmo sua família sendo libanesa e católica, quando famílias de outros imigrantes palestinos chegam em Santana do Livramento há o compromisso de ajudá-las; mesmo havendo diferenças de origem entre ambos. Esse componente cultural, nesse sentido, é contagiante na própria visão da “comunidade fronteiriça” em relação à presença árabe, como ressalta “Rafael”, presidente de uma associação empresarial em Santana do Livramento:

eles também tem a nos ensinar a parte da união, eles são muito unidos, coisa que nós não somos, se chega um representante ou se alguém está necessitando, eles prontamente dão as mãos e participam disso aí. Enquanto nós, se eu vejo que tu está mal, eu quero é mais que tu fique mais mal ainda (risos) [...] Então é uma situação que eles tem muito a nos ensinar também nesse aspecto (“Rafael”, entrevista concedida em novembro de 2013. ALVES, 2014, p. 78).

Cabe destacar, por fim, que a formação da comunidade árabe e a própria afirmação da identidade árabe na fronteira tem um princípio “de origem”: a decisão de emigrar de seu país. Após essa decisão, as demais decisões são de alguma forma condicionadas: aquele que sai de um país e migra para outro, que deixa pra trás seus costumes, os que lhe são semelhantes, suas raízes, acaba por ficar dividido sempre entre dois mundos e dois corações: “vencer e retornar, reassumindo seu compromisso com os membros da sua comunidade e, por isso, com o passado deixado para trás, ou vencer e permanecer e, com isso, optar por uma aposta no futuro tão desconhecido quanto promissor” (OSMAN, 2007, p. 165).

A decisão de retornar nunca é fácil, a situação no país de origem por vezes não melhora (no caso dos imigrantes palestinos, em função das guerras e dos conflitos políticos) e esse migrante acaba por ficar, constitui família, negócio, e a decisão de voltar vai se distanciando. Mas como esquecer a “terra mãe”? E, principalmente, como não deixar que seus descendentes esqueçam suas origens? É aí que surgem as manifestações de uma cultura em um ambiente distinto, a aproximação entre os patrícios, a necessidade de manter os vínculos com a terra natal. E então, nesse ambiente de fronteira, que permite essa manifestação, que é acolhedor, é onde surgem a Sociedade Libanesa, a Sociedade Árabe Palestina, as viagens à terra natal, os casamentos entre

patrícios e assim por diante. Tem-se, nesse sentido, uma mescla, um hibridismo, de uma comunidade que se constitui por meio de um esforço coletivo e permanente para manter os laços com a terra de origem, mas, também, que se constitui fazendo-se na própria fronteira, construindo uma identidade com o território, constituindo-se com o novo território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a influência da cultura no comportamento econômico de imigrantes e de descendentes de imigrantes árabes que atuam como comerciantes na fronteira entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). No Sul do Brasil e, em especial, nas fronteiras com outros países do Cone Sul, o histórico de presença árabe está diretamente vinculado às possibilidades de comércio; nessa direção, a presença de árabes no comércio da fronteira entre Santana do Livramento e Rivera se faz notar tanto no comércio local como no comércio internacional que caracteriza aquela fronteira (freeshops).

Na análise realizada, a cultura é entendida como constituinte do ser humano em sociedade; cultura é o um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Analisar a relação entre cultura e desenvolvimento econômico, nesse sentido, implicou em pensar como esses valores, essas crenças, esses costumes, esses hábitos, que uma vez interiorizados no comportamento de agentes sociais, servem de orientação para a conduta dos mesmos, seja em suas relações sociais, seja em suas relações políticas e/ou econômicas. Tratou-se, portanto, de analisar como a cultura árabe, uma vez interiorizada no comportamento dos imigrantes e dos descendentes de imigrantes árabes, orienta suas ações econômicas enquanto atuam no comércio de Santana do Livramento/Rivera.

Por meio dos pressupostos teóricos e metodológicos adotados foi possível identificar algumas características singulares do comportamento do comerciante árabe naquela região, entre as quais: a centralidade das relações familiares; o desejo de “fazer dar certo” e tornar o local de atuação “sua terra também”; a importância de valores

tradicionais na conduta econômica; o interesse em aproveitar as oportunidades existentes nos locais; a prioridade aos baixos preços; a simplicidade como modo de conduta econômica. São características singulares do comportamento dos comerciantes árabes de Santana do Livramento/Rivera que se apresentam não de forma estática, mas dinamicamente, instigando a análise, inclusive, sobre as mudanças geracionais que ocorrem no seu comportamento econômico.

Nesse sentido, também, o artigo mostra como as diferentes gerações de imigrantes e de descendentes árabes vão se constituindo a partir de suas próprias experiências de relação com a cultura de origem e com o território de fronteira. Assim, por exemplo, se as primeiras gerações de árabes daquela fronteira mantinham um vínculo mais forte com seus países de origem (o “desejo de volta”) e incorporavam mais intensamente suas tradições culturais em suas práticas econômicas (de comerciantes), as gerações mais novas sentem-se mais inseridas no território de fronteira, do que decorre não uma ruptura com a cultura de seus antepassados, mas a construção de novos significados para aquela cultura, em especial quando atuam como agentes econômicos. Nessa questão em particular, as gerações mais novas de descendentes árabes tendem inclusive a relativizar suas tradições culturais, adaptando-se a lógicas de organização econômica que são orientadas pela própria dinâmica do mercado da fronteira.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *Armour*: uma aposta no Pampa. Sant’Ana do Livramento: Gráfica Pallotti, 2000.

ALVES, Cinara Neumann. *Cultura árabe e desenvolvimento econômico em regiões fronteiriças do Sul do Brasil*: a presença árabe no comércio de Santana do Livramento (Brasil)/ Rivera (Uruguai). 2014. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaios sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BERTAUX, D. *L'approche Biographique: Sa Validité méthodologique*, Cahiers de Sociol. 1980, 69, p. 197 – 225.

BRIOSCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. Relatos de vida em Ciências Sociais: considerações metodológicas. *Ciência e Cultura*, 39 (7), p. 631 – 7, 1987.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o que?”. Reflexões sobre os conceitos de cultura e atuações dos governos públicos. *Anais... V Encontro Multidisciplinar em Cultura*, Salvador, 2009.

DOMINGUES, José M. A cidade: racionalização e liberdade em Max Weber. In: SOUZA, J. (Org.). *A atualidade de Max Weber*. Brasília: Ed. UNB, 2000.

FERSAN, Eliane. Os imigrantes sírio-libaneses no Brasil entre 1920 e 1926. Percepção do corpo consular francês. In: JARDIM, Denise Fagundes; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. *Os árabes e suas Américas*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1994.

JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no extremo-sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos sociais de produção da etnicidade*. 2000, 498 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MUNCH, Richard. A teoria parsoniana hoje: a busca de uma nova síntese. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs.). *Teoria social hoje*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

PETERS, Roberta. *Imigrantes palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através das festas e rituais de casamento*. 2006. 136 f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) – UFRGS, Porto Alegre.

_____. *Imigrantes Palestinos no Estado do Rio Grande do Sul: Uma análise dos Aspectos Políticos e Identitários Expressos no Ritual de Casamento*. Memória Social, Cultura e Identidade, vol. 1, junho 2007.

PROCÓPIO, Oscar Siqueira. *Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano*. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

RABOSSI, Fernando. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma reinterpretação. In: _____. *Mundos em Movimento: Ensaio sobre migrações*.

SCHUMPETER, Joseph A. Os economistas. *A teoria do desenvolvimento econômico*. Abril Cultural. São Paulo. 1997.

SPINDOLA, Thelma. SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). *Revista Esc. Enfermagem da USP*, São Paulo, 2003, 37 (2) p. 119–26.

TRUZZI, Oswaldo. Patrícios: *Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1987.

_____. *Conceitos básicos da sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.

Submetido em 02/04/2015.

Aprovado em 20/10/2015.

Sobre os autores

Cinara Neumann Alves

Doutorado em andamento em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC e Mestre em Desenvolvimento Regional pela UNISC. Docente na União das Faculdades Integradas de Negócios.

Endereço: Rua José Bonifácio, 26 apto 205, Centro. 93010-180 – São Leopoldo, RS, Brasil

E-mail: cinaranalves@gmail.com

Marco André Cadoná

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor e pesquisador na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Endereço: Av. Independência, 2293 – Departamento de Ciências Humanas – Bloco 3 – sala 303, Bairro Universitário. 96815900 – Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

E-mail: mcadona@unisc.br